

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO ODONI GRÖHS, PELO ACADÊMICO CARLOS GOMES DE CARVALHO

Novel Acadêmico

A nossa Academia Mato-Grossense de Letras engalana-se para recebê-lo. Abre-se em festa e regozijo. As posses em nossas instituições acadêmicas devem simbolizar uma espécie de nascimento para um novo patamar, deve ser estímulo e força revigoradora. Alguns aqui aportam consagrados já, muitos ainda na construção de sua obra, mas, para uns e outros, a Academia deve ser sopro estimulador para dar continuidade na árdua luta do fazer literário e da produção intelectual. Daí porque se justifica o entusiasmo do grande Euclides da Cunha que, ao receber o comunicado de sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, disse ao presidente Machado de Assis não haver “*nenhum posto mais elevado neste país*”.

Ao atravessar os umbrais desta instituição, Vossa Excelência nos traz o seu saber, a sua verve poética e o seu humanismo e nós lhe oferecemos o compartilhar fraterno de nossos anseios, ambições, sonhos e esperanças.

Esta é uma Casa em que brilharam historiadores, cronistas, oradores e filólogos, poetas e prosadores. E ao cravar em seus alicerces imateriais a homenagem definitiva a Augusto João Manuel Leverger, cognominado “Barão de Melgaço”, personalidade paradigmática de estudioso e de homem de ação, quis se fazer de templo onde se cultua o saber e a dignidade. Este sodalício abrigou homens que honram o nosso passado cultural e político. Nomes que ilustrariam qualquer cenáculo do país. Figuras do porte de um D. Aquino Corrêa, também membro da Academia Brasileira de Letras, de um José Barnabé de Mesquita, de um Virgílio Corrêa Filho, historiador de nomeada, de um Cesário Neto, Philogonio de Paula Corrêa, Estevão de Mendonça, dos irmãos Nilo e Isác Póvoas, de Luís-Phillipe Pereira Leite, que tão recentemente nos deixou, e de tantos, tantos outros. E ainda hoje, contemporâneos nossos aqui tomam assento como figuras exponenciais de nossa cultura regional.

A Casa Barão de Melgaço vem sendo, nestas quase oito décadas de sua existência, o regaço para onde convergem os que se sentem fustigados pela chama da criação intelectual. Não estiveram, e não estão, aqui somente literatos, beletristas, poetas mas também homens de pensamento e de cultura. Formações profissionais e culturais as mais variadas aqui tiveram, e têm, assento. Houve um momento em sua história, em que esta Casa, por algumas dezenas de anos, desfrutou de grande prestígio político, obtendo significativo apoio governamental para a realização de suas atividades, e tal não se dava apenas porque entre seus membros se contavam vários parlamentares e até um Governador; mas há outros momentos, estes mais recentes, em que esta Casa vem se debatendo em grandes, e por vezes quase intransponíveis, dificuldades materiais. *O tempora, o mores!* - exclamaria novamente Cícero.

Não obstante, a nossa instituição, guardiã das mais legítimas tradições culturais e históricas deste Estado, vem se mantendo viva, pulsante e respeitada pelos concidadãos mais simples. Demonstra assim que os desígnios para os quais foi criada - o do estímulo ao estudo da literatura, o da defesa do idioma, o da valorização do saber e da ciência, enfim o da preeminência do pensamento - são valores permanentes no destino humano, ainda que a civilização contemporânea pareça estar vivendo sob o signo do desprestígio da cultura em favor do conhecimento superficial, do reinado do efêmero, da valorização do transitório, do estímulo ao espetacular, do conhecimento fútil, do saber fugaz, do elogio do fátuo, do marketing da vulgaridade, enfim, da banalização das coisas do espírito. É talvez por isso mesmo, diante de tantos obstáculos, levantados seja pela alienação da população manipulada que vem sendo pelos meios de comunicação de massa, seja pela fragilidade cultural de nosso sistema de ensino ou pela vergonhosa indiferença dos poderes públicos, que, mais que nunca, cresce a importância de permanecerem vivas e atuantes instituições como a nossa. Humildemente, sem alardes, sem pompas, circunscrita a modéstia de suas instalações, a nossa Academia

Matogrossense de Letras parece estar cumprindo seu desiderato. Daí porque, a ela e a outras instituições que se lhe assemelham, com propriedade se pode repetir o que PIERRE MILLE escreveu à propósito da Academia Francesa de Letras:

“Ela faz algum bem e mal nenhum. É conhecida, pelo menos de nome, do último dos camponeses e dos operários. É a prova antiga, e sempre viva aos olhos deles, de que existem em nosso país outros poderes além do dinheiro e da política. E isso não é pouco”.

Deve-se no entanto buscar entrar para uma Academia de Letras não pela glória vã ou em busca de uma pseudo aristocracia do saber, ainda que ao acadêmico se o denomine de imortal. O que dele se espera é que o galardão que lhe é outorgado seja um acicate, um estímulo, um incentivo para produzir mais e melhor.

É para esta morada, e com esta condição, que Vossa Excelência, senhor ODONI GRÖHS, está trazendo a sua vivência de médico, de poeta e de humanista.

Senhoras, Senhores

Odoni Grohs é gaúcho de Canoas, onde nasceu em 31 de março de 1947. Muito jovem ainda, recém formado em medicina, veio para Mato Grosso no ano de 1972. Há quase três décadas, portanto, palmilha o generoso chão matogrossense. Aqui vem se dedicando com abnegação ao seu fazer profissional, aqui seus filhos nasceram e crescem e aqui publicou seu primeiro livro. E, por certo, árvores terá plantado. São pois muitos os amores que o unem a esta terra dadivosa e hospitaleira que o acolheu. Assim, não há como deixar de se dizer que estamos diante de um mato-grossense legitimado que, se o destino não quis que aqui nascesse, lhe foi no entanto pródigo pela terra que o fez escolher, para exercer o seu labor como arte e fazer da poesia o seu árduo mister. Desde então vive em Guiratinga, no passado cognominada de “Princesa do Leste”, outrora terra de fartura de diamantes e de outras aventuras, mas que não esteve alheia à presença de homens de letras. Lá viveu até morrer o maranhense Raimundo Maranhão Ayres, ativo colaborador de jornais e ensaísta literário, um dos nomes que enriqueceram este sodalício; por lá passaram alguns anos de suas vidas o médico cearense Luís Sabóia Ribeiro, o advogado baiano Agenor Ferreira Leão, o médico piauiense Humberto Marcílio Reinaldo, o magistrado João Antônio Neto, que Goiás nos mandou, brasileiros cujas obras contribuem para a cultura mato-grossense.

O novel acadêmico faz parte de uma segunda geração de migrantes, cujas presenças está criando um fenômeno sociológico, quiçá único e com poucos precedentes no mundo.

Há cerca de quinze anos, publiquei ligeiras anotações, que tenho a pretensão de transformar em ensaio de maior fôlego, intituladas de “O Congresso das Raças”. Nelas escrevi que o processo migratório iniciado a partir das décadas de 40 e 50, estava deslocando para Mato Grosso, e para a Amazônia de um modo geral, gentes do centro-sul, na seqüência das levas nordestinas, iniciadas no século passado. E esse fenômeno social, escrevia, está constituindo nestas paragens o verdadeiro sentido do “ser nacional”. Desde então, o desdobramento desse processo migratório e a natural dinâmica social e econômica dão cores cada vez mais vivas ao painel que então tracejei.

Nossa experiência direta e cotidiana nos faz detectar elementos culturais tipicamente nordestinos se mesclando, se fundindo, se introjectando com elementos caracterizadamente sulinos, e a contrapartida sendo igualmente verdadeira. Usos e costumes, o folclore e a história, a culinária e os falares, e já agora a etnia, estão gerando um processo novo e estimulante plasmando, sob este ângulo, o perfil sócio-cultural mais formidável de nosso país.

Esta característica peculiar, e quase única, consubstancia aquilo a que audaciosamente então denominei o “*ser mato-grossense*”, o “*ser amazônida*”, ou seja, uma expressão cultural própria, autóctone, que se manifesta pelo resultado da simbiose aqui processada das tradições culturais, dos linguajares, dos usos e costumes, da culinária e da etnia de todas as regiões brasileiras amalgamadas que neste momento estão presentes em solo de Mato Grosso. Esse quadro multifacetado torna-se cada vez mais a síntese exemplar da Nação plural e variegada que é o Brasil.

Certamente que o novo acadêmico, com a sua poesia e a sua prosa, o seu pensamento reflexivo, irá contribuir, ao lado de outros, pertencentes ou não a esta instituição, para a formulação dessa expressão nova mato-grossense, desse ser amazônida no limiar de um novo século.

ODONI GRÖHS assume nesta noite a Cadeira 24, cujo Patrono é Aquilino Leite do Amaral Coutinho, advogado, propagandista republicano, Senador. Cadeira já ocupada por Ovídio de Paula Corrêa, Francisco Bianco Filho e Jary Gomes, este último médico. Aliás, não é de se estranhar, embora possa ser raro, o ingresso de médicos em nossa Academia de Letras. Vários desses profissionais aqui tiveram guarida e inclusive um deles, Joaquim Duarte Murtinho, é o Patrono de uma das Cadeiras. Os médicos que aqui ingressaram o fizeram seja por suas qualidades literárias ou, em alguns casos, também por seus conhecimentos científicos. Fazem parte desse ilustre rol Luiz Sabóia Ribeiro, Francisco Ayres, Nicolau Fragelli, Humberto Marcílio Reinaldo, Jary Gomes, Hugo Pereira do Valle, a quem sucedo na Cadeira 40, Lécio Alves, Ciro Furtado Sodré, o atual Presidente João Alberto Novis Gomes Monteiro e este exemplo de sábio e humanitário que é Clóvis Pitaluga de Moura. É nesta linhagem que o novel acadêmico agora se integra.

Mas aqui ele adentra sobretudo como poeta, como criador de imagens, como elaborador de sínteses da vida. Tendo publicado, até agora, um único livro, “*Testamento - Viagem de um Crepúsculo Antecipado*”, é de se dar-lhe alvíssaras.

A primeira coisa a ser dita dessa sua primeira manifestação poética é a de que se trata de uma poesia vivida. Há nela uma forte conexão, não apenas temática como léxica, entre o que o poeta diz e o que o cidadão e médico haure em sua experiência cotidiana. Transmite ele assim componentes riquíssimos de uma praxis extremamente envolvida com o humano. Se é possível esperar uma “mensagem” da poesia - embora se saiba que não se deva exatamente esperar uma “mensagem” de um poema senão que deva ele próprio ser essa “mensagem” - esta é a do profundo envolvimento emocional, político-social e estético deste poeta com o Homem.

Com efeito, salta a cada passo de seu fazer poético uma chama de solidariedade com o humano, incandescendo os seres mais humildes, retirando da sombra os desprezados da sorte, aspergindo com sua canção os banidos do sonho, iluminando aqueles que o destino colocou à parte e valorizando os seus afazeres mais humildes.

Com uma linguagem despojada de arabescos mas de belas construções o poeta elege o seu destino e se define na margem do abismo, em que todo poeta se coloca quando se acha diante de si mesmo, no espelho da alma, perscrutando os ínvios caminhos que levam a essa amante tão infiel quanto doce e exigente que é a poesia. Diz ele:

*Poeta (quase profeta)
taumaturgo e imperador
fui fenício e fui pirata
dissecando especiarias e mares*

E então ele se mostra impotente diante do universo imenso da poesia:

*Meu canto indecifrável
linguagem de algaravias
é povoado de perguntas e respostas.
Na dissolução plástica
subsiste na minha face
a circunstância do ser*

- em um poema cujo título - Semeador de Versos ou a Linguagem da Algaravia - já denuncia seu promissor destino. E igualmente, com a angústia inerente a todas as auto - definições, perora:

*O poeta é uma ilha de sambaquis
num rio de incertezas e equívocos
amanhecendo auroras vocabulares
no artesanato das palavras
e na construção do vate.*

A partir do dado concreto da realidade, o poeta transmuda seu construir lírico naquilo que se pode consignar como sendo uma “lírica do concreto”. Sim, na verdade um poema, e por extensão a arte, dissociada

da realidade tem pouca, ou quase nenhuma, validade estética. Não que se deva buscar na arte o utilitarismo banal, ou o estéril panfletarismo, o que poderia transformá-la em tudo, menos em arte.

É da transmutação da massa bruta do real que se ergue o edifício majestoso da lírica. Neste sentido é que T. S. ELIOT, tido por muitos como o maior poeta inglês contemporâneo, combate o divórcio entre a ideia e a emoção, naquilo que objetou ser a “dissociação da sensibilidade”. Disse-o bem e com propriedade José Guilherme Merquior em “A Astúcia da Mimese”: “*A noção preconceituosa que estabelece oposição entre poesia e ideias, entre a lírica e o intelecto, é a seu modo uma substituição de um todo (processo lírico) pela sua parte (objeto da lírica)*”. Essa oposição em Odoni Gröhs não existe, pois procura ele integrar a sua mundividência, como poeta e como médico, num contexto lírico único, jungindo o concreto e as parcas, a argamassa do dia re - elaborada na tessitura da linguagem poética.

A experiência de vida numa região periférica, onde a pobreza, a miséria e o desamparo social são as marcas não cicatrizadas do destino vil, faz de ODONI um poeta engalfinhado nessa realidade inclemente. E quando anuncia o seu fazer poético o faz como quem lança um desafio de luta. “*Ars poética ou vulgari eloquentia*” é disto exemplo:

*Minha poesia
clave e chave
razão e risco
conciliação e conflito
dúvidas e dívidas
disputando o mesmo grito.
Minha poesia
óbice e óbito, vertigem e dor
com a tua resistência mágica
sempre obstruindo meus caminhos
sem nenhuma cerimônia...
é compulsiva, dolosa e crônica.
Minha poesia
seria cômica, não fosse trágica.*

Em alguns poemas, a lapidação dessa experiência bruta (e somente após ser filtrada pela fabulação estética é que é possível dizer-se que uma experiência se transmuda na obra de arte do poema) cria ele versos que se aproximam em muito da forte dicção cabralina. Um exemplo dessa condensação verbal é este “Vôo sem verbos” em que a imagística nos levar a ver secas estocadas, as palavras surgindo velozes e perfurantes, ásperas:

*Gatilho. Pontaria. Arma disparada.
Estilete. Punhal. Lanceta. Flechada.
Navalha de metal. Lança fria.
Aguilha. Abelha. Aguilhão. Agonia.*

*Sal. Vinagre. Soda. Fogo.
Cicuta e cal. Dúbio jogo.
Carne combalida. Estranha lucidez.
Vôo interrompido. Falsa embriaguez.*

*Queda. Medo. Sangue. Explosão.
Corpo abatido. Rasante rotação.
Na alma cega, seca bruma....
Na boca rúbia aerada espuma.
Caça. Presa. Pranto. Solidão.
A morte súbita. Ferina crueza.
Boca ensandecida de um cão.*

Essa “estranha lucidez” de que nos fala o poeta surge com a voz que, em meio a crueza da existência, clama sem eco. No entanto, clama, grita “ensandecido como um cão”, clama ainda uma vez mais, na certeza de que, mais importante que ser ouvido, é ter voz, “navalha de metal, lança fria”, para gritar e denunciar a “caça, a presa, o pranto e a solidão, a morte súbita”. Sozinho este poema tem imensa força como mostra da junção entre o conteúdo do real e a linguagem visual. Quando o li a primeira vez, visualizei a cena de um combate sem tréguas, num duelo ao pôr-do-sol na região garimpeira mato-grossense, onde a ternura, quando surge, e quase nunca sem ser convidada, penetra indecisa pelas frestas do áspero quotidiano e, temerosa de ser rechaçada, mostra toda a sua timidez e solidão, como se o seu vôo pudesse ser sempre “um vôo interrompido”. Aqui mais que desilusão, o poeta deixa transparecer uma profunda amargura, sentindo-se desamparado, o “*corpo abatido, a carne combalida, a alma (onde) seca bruma.*” Nesse jogo dual entre o engajamento a serviço do Homem e o pessimismo quanto a sua redenção, o poeta realiza o seu *devir* faustico.

Outro aspecto a ser assinalado na poesia de Odoni Gröhs é o de que, em muitos de seus poemas, se faz presente uma indispensável angulação sociológica, na qual nem sempre se trata de mera constatação mas faz reboar a denúncia social. Há pois em sua poesia uma estreita convivência entre a ética (e a ideia de Justiça) e a busca do conhecimento, do “retrato social”.

Um terceiro aspecto a ser apontado em vários de seus poemas, como a fazer equilíbrio com o seu decidido envolvimento com a realidade objetiva e uma incerta esperança, é o de um vago sentimento de desamparo, de perda, de derrota diante da inexorabilidade dos fatos. Exemplo disso é o belo “*Descoberta tardia*”, no qual o poeta olha para trás para perceber que o tempo e a vida lhe escaparam por entre os dedos:

*Tu morres agora na minha vida
logo agora quando te sei de cor.
Agora que eu tinha decifrado
tua febre contendo infâncias e adolescências
e compreendido teus demônios compulsivos?
Agora que eu tinha comprado
marzipã, amêndoas e avelãs
semeado avencas no vaso novo
e plantado azevinho no jardim.*

Muito se poderia dizer ainda sobre essa poesia mas, no momento, nos é permitido constatar um profundo comprometimento com o Homem e a sua existência, seja na dura labuta da sobrevivência, seja nos momentos em que o sentimento amoroso surge como diapasão dessa existência atribulada. ODONI GRÖHS situa-se, sem dúvida, com potencial no universo poético, particularmente porque, como já o disse, busca nas coisas terrenas, nos problemas e angústias existenciais, por aparentemente mais ínfimos e insignificantes que o sejam, dos homens com os quais convive e com os quais divide o seu pão diário, a argamassa com que realiza o seu fazer poético, tão fortemente marcado pela solidariedade.

SENHORAS, SENHORES

Ao finalizar, é oportuno que façamos, ainda que a vôo de pássaro, uma ligeira reflexão sobre a função do intelectual, do poeta e da poesia em particular, nestes nossos tempos correntes. Tempos em que o sentido da responsabilidade humana, como um paradoxo ao avanço da ciência, se esvai como poeira.

Qual pois a tarefa do intelectual, do produtor de ideias, do homem de letras, nas fimbrias de um novo século, na encruzilhada histórica na qual nos encontramos em que a expressão globalização vem sendo instrumento de poderosas forças econômicas, políticas e culturais que se voltam para a tentativa de resumir séculos de História como se fossem bulas de remédios, (e não é por isso mesmo que já se chegou a escrever sobre o “Fim da História”, aliás, título de um livro), forças terríveis que querem mesclar e confundir civilizações negando-lhes as suas características, achatam diferenças culturais, vulgarizar sentimentos, banalizar sonhos, desprezar valores e marginalizar gentes.

Como agir num tempo em que as leis do mercado se fazem predominar sobre as leis do espírito, em que parece valer mais o Ter do que o Ser, em que o que se denomina de neoliberalismo sufraga as ambições mais rasteiras, em que populações inteiras são levadas a viverem à margem de qualquer progresso, em que crianças buscam no lixo o alimento do dia, em que a razão do lucro é para muitos o objetivo único do existir, em que parcelas imensas do povo vivem na escuridão mental sem jamais terem aberto um livro, embora recebam todos os dias imensas cargas de informações, em grande parte deletérias. E aqui como não recordarmos Bandeira?

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.*

Diante desse quadro absurdo qual a função do escritor?

Que é possível diante de um mundo moderno marcado pelo domínio, insensato e cruel, dos que são social e economicamente mais fortes sobre os mais fracos; estigmatizado pela crescente degradação da qualidade da vida, pelo saque arrasador sobre os recursos naturais e o conseqüente empobrecimento das condições ambientais; que está massificado pela intensa propaganda comercial, subliminarmente política, que influencia em nossos jovens um comportamento estereotipado e padronizado, fútil e banal; que estimula a prevalência da massa sobre os valores individuais, enfim, um mundo onde existe um marcante desprezo pela leitura e pelo pensamento reflexivo? Que pode diante disso um modesto homem de letras?

Diante desse quadro caótico de nosso tempo qual o papel do poeta, a que já se chamou de “senhor da imaginação e rei sem coroa do mundo”? Qual a função da poesia? Ou, por outra, haverá um papel? Existirá ainda uma função a ser cumprida pelo poeta?

Penso que de duas maneiras se pode inserir o poeta e o seu labor nesse contexto. Enquanto poesia e enquanto expressão dessa poesia. Dois caminhos, que ao se caminhar, se tornam uno. Vale a pena transcrever a referência que T.S.Eliot fez a Dante, a quem considera modelo máximo:

“O grande poeta (...) deve perceber vibrações para além do alcance dos homens comuns, e ser capaz de fazer com que os homens vejam e ouçam mais do que poderiam ver ou ouvir sem a sua ajuda. (...). A tarefa do poeta, a de fazer as pessoas compreenderem o incompreensível, exige imensos recursos de linguagem; desenvolvendo a linguagem, enriquecendo o sentido das palavras e mostrando o quanto elas podem fazer, ele está tornando possível, para outros homens, uma extensão maior de emoção e de percepção, porque ele lhes dá a fala na qual mais coisas podem ser expressas”.

Eis pois Senhor Odoni Gröhs, conforme o quer o grande poeta inglês, que a hercúlea tarefa dos poetas é a de fazer as pessoas compreenderem o incompreensível. Não se diz que se deva transformar a poesia em mensagem do que quer que seja, num inútil panfletarismo, não, isso não, que a tal, a poesia não se deve prestar. Mas fazer compreender o incompreensível é conduzir as pessoas à reflexão e à limpidez da emoção. A poesia não é fácil e nem se presta a momentâneas facilidades. Quando a poesia vem para denunciar ela surge como um espelho convexo da insensatez de nosso mundo moderno. O poeta, incandescido pelo fogo da inspiração divina, não faz pregações religiosas ou políticas, campos de outros, mas realiza ele o percurso de um quase profeta, situado na desolação e na solidão. Solidão diante da brancura do papel e também a profunda solidão diante do Homem, frente às grandezas e misérias do mundo.

Penso ainda que esse criador de sons e emoções deva se colocar ante a esfinge hodierna para tentar decifrá-la e talvez até por ela ser devorado, mas deve se postar solarmente, sem temor, sem fugir das ques-

tões que atormentam o Homem moderno, sem esconder-se nas sombras da alienação, sem se homiziar nos subúrbios da vida, sem se deixar seduzir pelas benesses e, sobretudo, sem se aliar ao poder. Só então a sua voz terá força para denunciar que o Homem moderno se tornou um renegado porque perdeu a fé em seu semelhante, que habita o inferno do desespero porque perdeu a esperança do paraíso. Só assim poderá o poeta ancorar no coração do Homem. E, ainda que de maneira fugidia, manter os últimos vestígios dos sonhos perdidos da juventude verdadeira, recuperando os lampejos naufragados nos desvãos da existência. Talvez, aí sim possamos ser chamados de poetas. Poeta na concepção com a qual Henry Miller celebrou a vida do inconformado Rimbaud:

“Não chamo de poeta quem apenas faz versos, com ou sem rima. Para mim, poeta é aquele homem capaz de alterar profundamente o mundo. Se houver um poeta desses vivente entre nós, que se proclame. Que levante a voz! Mas terá que ser uma voz que possa abafar o estrondo da bomba. E que use uma linguagem que derreta os corações humanos, que faça borbulhar o sangue”.

Sim, Senhoras e Senhores, para mim o poeta e a poesia cumpre o seu papel no mundo moderno quando se torna a voz alada que encharca o coração de ternura e de rebeldia.

Senhor Acadêmico Odoni Gröhs

Sede bem-vindo a este Sodalício. A Casa é sua. Traga-nos a sensibilidade do bisturi no tracejar da estética lírica. Traga-nos a sua poesia com a plenitude do médico sensibilizado pelo sofrimento e pela alegria da vida. Que o seu ingresso sirva de estímulo para a continuidade na construção de sua obra poética e que nos venha enriquecer com o seu saber, com a sua experiência de vida, com o seu humanismo. Traga-nos as suas palavras carregadas de magia e de sentimento. Sede bem-vindo, pois.